

## Escritas da vida: narrativas culturais

Rosani Úrsula Ketzer Umbach\*

**RESUMO:** O presente artigo tece considerações em torno da escrita (auto) biográfica, baseando-se em reflexões teóricas como as de Peter Alheit (2011), Jerome Bruner (1997), Ansgar Nünning (2004) e James Olney (1998). Tendo em vista perspectivas antropológicas e sociológicas, de acordo com as quais as escritas da vida constituem “uma nova forma social do conhecimento” (ALHEIT2011, p. 34), nota-se em *O Diário de Anne Frank* uma tentativa de resistir ao totalitarismo nazista ao mesmo tempo em que se evidencia a percepção de uma jovem sobre a perseguição aos judeus, os horrores da guerra e a necessidade de transmitir a experiência vivenciada por meio de seu diário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diário; Testemunho; Resistência; Nazismo.

**ABSTRACT:** This article presents considerations about (auto) biographical writing, based on theoretical studies as of Peter Alheit (2011), Jerome Bruner (1997), Ansgar Nünning (2004) and James Olney (1998). In view of anthropological and sociological perspectives, according to which the writings of life constitute "a new social form of knowledge" (Alheit 2011, p. 34), it is noted in *The Diary of Anne Frank* an attempt to resist the Nazi totalitarianism while it shows the perception of a young woman about the persecution of Jews, the horrors of war and the need to convey the lived experience through its diary.

**KEYWORDS:** Diary; Testimony; Resistance; Nazism.

A modernidade costuma ser associada ao estabelecimento da autonomia da razão a partir de René Descartes (1596-1650), filósofo que rompeu com a tradição e o pensamento medieval; consolidou-se com a Revolução Industrial e o desenvolvimento do capitalismo, abrindo as portas para a individualização. “Com o surgimento das sociedades modernas, somos como que socialmente obrigados a ser individuais e únicos”, afirma Peter Alheit (2011, p. 31), que vê a “biografização” como uma competência-chave que nos é imposta pelo processo da modernidade. Para Alheit, a partir desse período histórico, tomamos consciência de que podemos ser construtores, autores de nossa biografia:

---

\* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Tudo o que vivenciamos e experienciamos deve “passar através de nós”. O mundo no qual vivemos e somos capazes de agir é o mundo que nós construímos. Isso certamente não significa que nossas construções sejam aleatórias. Elas obviamente dependem de impulsos que nos pressionam de fora. Mas elas são, definitivamente, o nosso processamento do social, que nos molda. Biografização é então a capacidade de combinar esses processamentos internos com as condições externas de sociabilidade. (ALHEIT 2011, p. 31)

Se Alheit situa a descoberta da biografia na modernidade europeia, isso não quer dizer que em épocas históricas anteriores essa modalidade de escrita da vida não existisse. Como o próprio ensaísta expõe, a noção de que as pessoas têm uma biografia é bem mais antiga, mas “nessas descrições biográficas pré-modernas não está em primeiro plano o desenvolvimento de indivíduos concretos, nem o desdobramento da individualidade subjetiva”, de acordo com Alheit (2011, p. 33), “mas sim a apresentação de tipos característicos o mais ideais possível”. Nesse contexto inserem-se autobiografias de cunho religioso, como as que narram uma “história de conversão”, título em tradução livre da “Bekehrungsgeschichte” de August H. Franke, dos anos 1690-91 (NIGGL 1998, p. 368), ou as “Confissões” de Santo Agostinho, escritas entre os anos 397-398 e consideradas o primeiro grande documento do gênero (MISCH 1998, p. 52). Dentro dessa tradição devocional, as escritas da vida, moldadas por uma intenção pedagógica, podem ser vistas como resultado de uma interioridade religiosa caracterizada pela prática cristã da introspecção.

A secularização das autobiografias pietistas ocorreu no final do século XVIII, de acordo com Niggel (1998, p. 384), quando ao lado da representação de santos se começou a observar um aumento da autoconsciência individual, que aos poucos levou à substituição dos temas de instrução e edificação pelos da autoapresentação e autoafirmação nessas narrativas. Essa mudança de perspectiva da biografia teria se evidenciado claramente nos artistas da Renascença italiana: “o interesse vital no individual, no curioso, o desejo de representação e autorrepresentação, a encenação,

também do pessoal e privado [...], mostram o embrião de uma nova visão do mundo” (ALHEIT 2011, p. 33).

Nesse sentido, a biografia não deveria mais ser entendida “apenas como modelo externo do desenrolar de uma existência moderna cronologizada”, segundo Alheit (2011, p. 34), mas sim como “uma nova forma social do conhecimento”. Embora nossas experiências sejam realizadas por nós, isso não significaria que nossa biografia seja algo exclusivamente privado, uma vez que, na visão de Alheit (2011, p. 35) somos “forçados socialmente a ser individuais e únicos”, sendo que “[a]s condições externas - históricas e sociais - nos obrigam à reflexividade biográfica”.

As reflexões antropológicas e sociológicas de Alheit encontram respaldo nas modernas teorias acerca das assim denominadas “narrativas do real” (*Wirklichkeitserzählun*), conceituação elaborada por Christian Klein e Matías Martínez (2009, .6) para definir “a representação linguística de um evento, ou seja de uma sequência de eventos organizados temporalmente”, com a pretensão referencial de remeter “a acontecimentos reais, á realidade<sup>1</sup>. Críticos do “panficcionalismo” (*Panfiktionalismus*), postulado de acordo com o qual uma narração sempre é ficcional, Klein e Martinez 2009, p.1) argumentam que, da mesma forma como a ficção, as “narrativas do real” também seriam construções, porém sua especificidade seria a pretensão de validade para representar situações reais.

Entre o pressuposto de que toda narração é uma ficção, seja a narração de memórias, da história ou de uma vida, e o entendimento de que existem as “narrativas do real”, os teóricos da literatura tendem a desconfiar tanto de leituras imanentistas, que encontram nos jogos linguísticos todas as justificativas para o que acontece e tem lugar no texto, como também de leituras (auto) biográficas e/ou sociológicas, que remetem os acontecimentos e situações do texto aos fatos da vida e julgam ser possível discernir os limites de cada uma das instâncias. Dito de outra forma, o que se questiona é: seriam os narradores “seres de papel e tinta, embasados por elementos da realidade, que vivem em um mundo ficcional por excelência”, conforme a bela descrição de personagem de romance feita por Adriana de Assis e Cláudio Souza (1995, p. 64)?

---

<sup>1</sup> Tradução livre de: „die sprachliche Darstellung eines Geschehens, also einer zeitlich organisierten Abfolge von Ereignissen“, (...) „auf reale Begebenheiten, auf Wirklichkeit“. Salvo indicação em contrário, as demais citações neste texto são igualmente traduções livres das obras indicadas.

Nesse caso, caberia a indagação epistemológica: de qual “realidade” se trata? Estudos do campo da filosofia são necessários para examinar essa questão, que diz respeito às escritas de si, às memórias, enfim a todo o gênero (auto) biográfico. Por ser uma questão tão antiga como a própria literatura e gerar controvérsias até hoje, reflexões acerca do assunto são necessários, quando o foco central diz respeito às escritas da vida<sup>2</sup> e seus elementos intrínsecos: a subjetividade e a autoria.

Ao se referir às escritas da vida, James Olney (1998, p. xiv-xv) observa o que considera um verdadeiro emblema do nosso tempo: “uma angustiada busca de si por meio dos atos mutuamente reflexivos de rememorar e narrar, acompanhados do medo assombroso de que é impossível desde o princípio, mas também de que é impossível desistir”.<sup>3</sup> Segundo a perspectiva histórica de Olney sobre o tema (1998, p. xv), ao longo dos últimos dezesseis séculos houve um deslocamento gradual na natureza da escrita autobiográfica, “movendo-se de um foco em ‘bios’, ou no decurso de uma vida, para se concentrar em ‘autos’, no eu escrevendo e sendo escrito<sup>4</sup>”. O sujeito passa, então, a desempenhar um papel de maior destaque nas escritas de si, trazendo ao campo da narrativa vários dilemas relacionados à constituição da subjetividade.

Nesse contexto, devem ser consideradas as modernas filosofias do sujeito e os conhecimentos psicológicos e sociológicos que oportunizaram uma nova concepção de si, do Selbst, reconhecido a partir de então como “uma forma especial de estruturação de percepção e sentido do ser humano”, segundo formulação de Fauser (2004, p. 87s)<sup>5</sup>.

Revogada a tese da autonomia do sujeito, outras teorias se incorporaram às discussões em torno da subjetividade, notadamente da área da filosofia social e da sociologia do conhecimento. Os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (1969), por exemplo, examinaram os mecanismos sociais que caracterizam a percepção dos indivíduos. Também houve contribuições importantes da área da psicologia narrativa, segundo a qual a identidade do eu se desenvolve e se reproduz por meio de processos sociais e somente ao lidar com eles. De acordo com as novas teorias, o eu não se localiza mais na consciência particular do indivíduo e sim em sua situação cultural e histórica. Para o psicólogo Jerome Bruner

2 Tomo como referência a expressão *life-writing*, utilizada por James Olney em seu livro “*Memory & narrative: the weave of life-writing*” (1998).

3 “an agonized search for self, through the mutually reflexive acts of memory and narrative, accompanied by the haunting fear that it is impossible from the beginning but also impossible to give over”.

4 moving from a focus on ‘bios’, or the course of a life-time, to focus on ‘autos’, the self writing and being written”.

5 “eine besondere Weise der Sinn- und Bedeutungsstrukturierung des Menschen”

(1997, p. 118), “o eu pode ser visto como um produto das situações nas quais opera <sup>6</sup>”. A identidade, portanto, é negociada e configurada; sua coerência é construída por meio da narração.

A narração é uma prática cultural geralmente considerada natural, que implicitamente pressupõe a organização de uma série de acontecimentos, possibilitando que aquilo que é narrado pareça convincente. Isso vale não só para a literatura, cuja teoria trata dos elementos da narrativa, recursos estilísticos, formas de representação e descrição, mas também para outras manifestações culturais, que igualmente têm suas formas de representar experiências. Para Fauser (2004, p. 87), as narrações exteriores à literatura seriam modelos de comunicação cultural que, por definição, ao contrário de conceitos como discurso ou texto, implicariam uma ordem temporal linear e uma execução de ações, o que por si só levantaria a questão da relação entre o literário e o extraliterário, já que esses modelos são anteriores à narrativa, constituindo ações simbólicas e rituais.

Considerando-se as escritas da vida igualmente como ações / construções simbólicas, entra em foco a questão da autoria. Contudo, não se trata de uma visão ingênua segundo a qual vida e obra de um autor estariam em uma relação estritamente causal, o que seria considerado um biografismo há muito superado. Desde que Roland Barthes declarou a morte do autor em seu conhecido texto de 1967-68, muito se discutiu sobre o tema, que vem recrudescendo em tempos de escrita coletiva na internet. No âmbito dos estudos literários, havia se estabelecido a ideia de que certos mecanismos de literarização, como ficcionalização, modelos narrativos e tradição literária, desenvolvem uma dinâmica própria que impede a dedução simples do significado de um texto a partir de dados empíricos, conforme Jannidis, Lauer, Martinez e Winko (2000, p. 11).

E como se deve considerar o autor empírico no contexto das escritas da vida, que se configuram como narrativas híbridas entre atos literários e documentos culturais? Aqui, seria necessário revisar as definições tradicionais de autoria, a fim de tornar mais preciso o conceito. Outra questão de interesse relacionada ao tópico diz respeito aos possíveis traços de autorrepresentação

---

6 “kann also das Ich als ein Produkt der Situationen gesehen werden, in denen es operiert”

do autor nas narrativas do eu. São importantes, ainda, reflexões sobre a relação entre subjetividade e autoria nas escritas da vida que se reportam a circunstâncias históricas de repressão e violência políticas, pois em situações de rupturas sociais e crises históricas resultantes de regimes repressores, devem ser consideradas as limitações a que a subjetividade está exposta. Em seu trabalho intitulado “Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema de teoria da autobiografia”, Jaime Ginzburg (2009, p. 131) afirma: “Dentro de um quadro de violência constante e desrespeito aos direitos humanos, as condições de conhecimento de si podem estar abaladas pelo componente traumático da história”.

A narração de experiências com a repressão também é um tema abordado por Georges Didi-Huberman em seu livro *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Analisando o trabalho de coleta de sonhos realizado por Charlotte Beradt entre 1933 e 1939, durante a ascensão do nazismo na Alemanha, Didi-Huberman (2011, p. 135) observa que “*uma experiência interior*, por mais ‘subjetiva’, por mais ‘obscura’ que seja, pode aparecer como um *lampejo para o outro*, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão <sup>7</sup>”.

Transmitir experiências por meio da rememoração e da narração envolve o tempo passado. E o passado também é uma construção, como exemplifica Rubén Chababo em um pertinente ensaio acerca da mitificação da memória e da história. Para Chababo (2012, p. 152), o passado “é um palimpsesto, uma soma sucessiva de capas sobrepostas que, uma vez chegadas ao presente, conformam a espessura nem sempre real daquilo que chamamos História <sup>8</sup>”.

O passado a ser considerado neste trabalho refere-se ao período histórico do século XX, no qual regimes violentamente repressores se impuseram em diversas partes do mundo, gerando processos de narração de sobrevivências que, por sua vez, enfatizaram a importância das escritas da vida. Relacionadas a esses períodos históricos, surgiram narrativas autobiográficas, memórias e testemunhos, o que exige da crítica voltada ao tema um trabalho transdisciplinar que leve em conta os problemas epistemológicos da subjetividade, da memória, como também da autoria e da escrita. Questões centrais que se

<sup>7</sup> Grifos do autor.

<sup>8</sup> “El ayer es un palimpsesto, una suma sucesiva de capas superpuestas que, una vez llegadas al presente, conforman el espesor no siempre real de aquello que llamamos Historia.”

que se colocam aqui são: como se manifestam a subjetividade e a autoria em obras autobiográficas, memorialistas e testemunhais? Quais são as concepções de subjetividade implicadas nessas escritas da vida?

Levando em conta as considerações teóricas mencionadas, uma das características observadas em narrativas autobiográficas contemporâneas é a autorreflexividade, isto é, a presença de um narrador, profissional da escrita (jornalista, escritor, dramaturgo), que reflete sobre suas crises e dificuldades ao escrever sobre suas memórias e suas “experiências”. Configurar a própria vida na literatura por meio da tematização do passado - essa parece ser uma tendência de narrativas pós-ditatoriais.

A estreita relação entre literatura, história e memória é reconhecida há muito tempo e vem sendo evidenciada em diversos estudos que procuram verificar a impossibilidade de segmentação entre essas áreas do conhecimento. Este campo de estudo interdisciplinar passa a ganhar um local de destaque dentro das atuais pesquisas das ciências humanas à medida que são publicadas e analisadas narrativas que relatam os massacres e guerras ocorridos ao longo do século XX.

Nesse contexto, escritas de vida são encontradas em diferentes formas de registro, tais como autobiografias, memórias, testemunhos e entrevistas; destacam-se, também, os diários que não podem ser compreendidos apenas como cadernos de confidências, segundo Souza (1997, p. 127), mas também como um documento que “pode voltar-se para o exterior e registrar reflexões políticas, históricas, sociais, morais ou outras”.

É entre esses diários que encontramos o da jovem Anne Frank. Mundialmente conhecidos, seus registros sobre a ocupação da Holanda pelo regime nazista e sua vida no esconderijo mostram as observações e preocupações de uma adolescente que acabou sendo vítima das atrocidades cometidas contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Composto por 195 relatos escritos por Anne Frank no período compreendido entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de agosto de 1944, seu diário apresenta as angústias e a vida cotidiana dos moradores do Anexo Secreto, o local onde ela e mais sete pessoas se esconderam para tentarem escapar da perseguição nazista.

No início dos seus relatos, Anne Frank narra as dificuldades de escrever seu diário e os motivos que a levaram a escrevê-lo. Em algumas passagens, afirma que era vista como “tagarela” na escola onde estudava, mas o que a levou a escrever foi justamente o oposto, a solidão e a falta de amigos. No seu registro datado de 20 de junho de 1942, a menina comenta a falta de amigos íntimos e o compromisso estabelecido entre ela e seu diário:

Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo. [...] aparentemente parece que eu tenho tudo, exceto um único amigo de verdade. [...] De qualquer modo, é assim que as coisas são, e não devem mudar, o que é uma pena. Foi por isso que comecei o diário. Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há muito tempo esperada [...] quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar esta amiga de *kitty*. (FRANK, 2013, p. 19)

Depois de firmado o compromisso de escrever, ela passa a narrar cronologicamente seu dia a dia, embora por vezes haja acelerações narrativas do tipo eclipse e sumário. Com a descrição dos sucessivos eventos da Segunda Guerra Mundial, seus escritos tornam-se uma fonte de informações sobre as ações realizadas pelo regime nazista. Ainda na parte inicial de seu diário, Anne menciona as várias restrições impostas aos judeus pelos comandos nazistas, que configuram um conjunto de leis segregacionistas, como pode ser observado no seguinte trecho:

Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes [...] de andar de carro [...] deveriam fazer suas compras entre três e cinco horas da tarde [...] só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus [...] eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou ter qualquer outra forma de diversão [...] ‘Eu não ousa fazer mais nada, porque tenho medo de ser proibido’. (FRANK, 2013, p. 21)

Nesse fragmento, podemos perceber a ênfase dada por Anne a todas as mudanças que a cercavam. Ao longo de seu diário, ela apresenta vários relatos sobre as fases do conflito ouvidos pelo rádio que sua família levou para o esconderijo e pelas informações de amigos. Neles, Anne escreve sobre o medo que sente durante os ataques aéreos, a obrigação imposta a todos os estudantes universitários alemães de defender a sua pátria e o avanço/retrocesso das tropas aliadas e do eixo. No seguinte excerto, podemos verificar seu relato de terça-feira, 27 de abril de 1943, sobre a destruição causada na cidade pelos constantes ataques aéreos ingleses:

O Hotel Carlton foi destruído. Dois aviões ingleses carregados de bombas incendiárias caíram bem em cima do Clube dos Oficiais Alemães. Todo o quarteirão pegou fogo. O número de ataques aéreos sobre cidades alemãs cresce a cada dia. Não temos uma boa noite de descanso há séculos, e estou com olheiras profundas por falta de sono. (FRANK, 2013, p. 117)

Além da descrição dos bombardeios, Anne também registra as consequências para as vítimas, como no relato de segunda-feira, 19 de junho de 1943, no qual podemos verificar a sua preocupação com os mortos e sobreviventes, além de seu medo de novos ataques:

Ruas inteiras estão em ruínas, e vai demorar um bocado para resgatarem todos os corpos. Até agora, houve duzentos mortos e incontáveis feridos; os hospitais estão lotados. Ficamos sabendo de crianças que procuram os pais entre as ruínas fumegantes. Ainda estremeço ao pensar no ronco surdo a distância, indicando a destruição que se aproximava. (Ibidem, p. 132)

Nota-se nesse excerto e em outras descrições de Anne a forte presença do medo da morte. Tal sentimento é intensificado com as notícias que chegavam ao Anexo sobre as ações da Gestapo, a polícia secreta nazista, e, principalmente, sobre os transportes em

em massa de judeus para os campos de concentração, conforme mostra o fragmento abaixo, escrito na sexta-feira, 9 de outubro de 1942, em que Anne menciona os campos:

Hoje, só tenho notícias tristes e deprimentes. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo levados aos montes. A Gestapo está tratando eles muito mal e transportando-os em vagões de gado para Westerbork, o grande campo em Drenthe, para onde estão mandando todos os judeus [...] As pessoas não tem praticamente nada para comer e menos ainda para beber [...] Fugir é quase impossível (Ibidem, p. 70)

É também pelo rádio que Anne recebe informações sobre o “Dia D”, em que tropas aliadas desembarcam na região da Normandia, na França, e ocupam Paris, que estava sob controle alemão desde o início da guerra. O episódio marca o início do colapso e, conseqüentemente, da derrota do nazi-fascismo, como se pode verificar no seguinte excerto:

‘Este é o Dia D’, anunciou a BBC ao meio-dia. ‘Este é o dia’. A invasão começou! Hoje de manhã, às oito horas, os ingleses informaram sobre pesados bombardeios em Calais, Boulogne, Le Havre e Cherbourg, além de no Passo de Calais [...] Além disso, como medida de precaução para as pessoas dos territórios ocupados, todo mundo que mora num raio de 35 quilômetros da costa foi alertado a se preparar para os bombardeios.[...] Grande comoção no Anexo! Será que este é realmente o início da esperada libertação? [...] Ainda não sabemos, mas onde há esperança há vida. (FRANK, 2013, p. 343)

Embora Anne tenha esperado pela libertação, tendo presenciado e narrado várias fases da guerra, quase do início ao fim, seu anseio não se concretizou. Segundo o posfácio do livro, na manhã de 4 de agosto de 1944, o esconderijo foi descoberto e todos os ocupantes do local foram presos. Com exceção de seu pai, que conseguiu sobreviver, todos os refugiados morreram, inclusive Anne, que foi levada para Auschwitz e posteriormente para o

o campo de concentração Bergen-Belsen, vindo a falecer pela epidemia de tifo.

Ao analisarmos o diário, torna-se imprescindível estabelecer um diálogo com os estudos da memória diante dos genocídios do século XX. Ao mesmo tempo em que se trata de narrativas que se baseiam em uma memória individual, podemos pensar em como se dão suas relações com a história. Nesse contexto, as escritas da vida orbitam em torno da compreensão de literatura como fenômeno sociocultural de uma época. É o que enfatiza Theodor Adorno (1988, p. 207) ao afirmar o caráter duplo da literatura, o de ser autônoma e ao mesmo tempo “fato social”. Para o autor, as obras autênticas seriam aquelas “que se entregam sem reservas ao conteúdo material e histórico de sua época”. Diante das circunstâncias de violência que perpassam a contemporaneidade, frente a esse “estado de exceção” em que vivemos e que “é na verdade a regra geral”, conforme o enunciado de Walter Benjamin (1994, p. 226), os produtos culturais, entre os quais a literatura, assumem uma posição de destaque: o de um espaço privilegiado de reflexão.

Podemos dizer que o diário de Anne Frank passou a fazer parte das narrativas culturais do nosso tempo, se levarmos em conta a concepção de cultura como “um processo de autointerpretação e construção de sentido mediado por meios simbólicos e textuais”, conforme descrito por Ansgar Nünning (2004, p. 370). Compreendida desta forma, a cultura pode ser definida como o “complexo geral das coletivas construções de sentido, formas de pensar, modos de sentir, valores e sentidos” que o ser humano produz e materializa em forma de sistemas de símbolos. Ainda segundo Nünning, a literatura “incorpora um aspecto central do lado material da cultura e das formas de expressão midiática por meio das quais a cultura [imaterial] pode ser observada”. Essa dimensão imaterial da cultura seria constituída pelas mentalidades: aquele conjunto de elementos que abrange as formas de pensar, sentimentos, crenças, ideias e formas de conhecimento da coletividade.

## Referências

- ADORNO, Th. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ALHEIT, P. “Biografização” como competência-chave na modernidade. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 20, n. 36, p.31-41, jul./dez. 2011.
- ASSIS, A.; SOUSA, C. “Seres de papel e tinta”. In: BERRINI, B. (Org.) *Escritores ou escreventes. Estudos Literários*. São Paulo: Educ, 1995, p.55-65.
- BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit. Eine Theorie der Wissenssoziologie*. Frankfurt a.M.: Fischer, 1969.
- BRUNER, J. *Sinn, Kultur und Ich-Identität: Zur Kulturpsychologie des Sinns*. Heidelberg: Carl Auer, 1997.
- CHABABO, R. “Más humanos que héroes: decir, más allá del mandato de la tribu.” In: *Memória e resistência: percursos, histórias e identidades*. Org. A. Sarmiento-Pantoja; M. Oliveira; R. Sousa; R. Chababo. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012, p. 147-162.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. V. Casa Nova, M. Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- FAUSER, M. *Einführung in die Kulturwissenschaft*. 2. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2004.
- FRANK, A. *O diário de Anne Frank*. Trad. Ivanir Alves Calado. 19. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.
- GINZBURG, J. “Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema da teoria da autobiografia.” In: GALLE, H. et al. (Org.): *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009, p. 123-131.
- JANNIDIS, F.; LAUER, G.; MARTÍNEZ, M.; WINKO, S. (Org.). *Texte zur Theorie der Autorschaft*. Stuttgart: Reclam, 2000.
- KLEIN, Ch.; MARTÍNEZ, M(Org.): *Wirklichkeitserzählungen. Felder, Formen und Funktionen nicht-literarischen Erzählens*. Stuttgart: J.B. Metzler, 2009.

- MISCH, G. "Begriff und Ursprung der Autobiographie".  
In: NIGGL, G. (Org.) Die Autobiographie: zu Form und  
Geschichte einer literarischen Gattung. 2. Aufl. Darmstadt:  
Wiss. Buchges., 1998.
- NIGGL, G. (Org.). Die Autobiographie: zu Form und  
Geschichte einer literarischen Gattung. 2. ed. Darmstadt:  
Wiss. Buchges., 1998.
- NÜNNING, A. Kulturwissenschaft. In: \_\_\_\_ (Org.) Metzler  
Lexikon Literatur- und Kulturtheorie. A. Nünning. 3. ed.  
Stuttgart: Metzler, 2004.
- OLNEY, J. Memory & narrative: the weave of life-writing.  
Chicago: The University of Chicago, 1998.
- SOUZA, L. "O eu (des)construído em Conta-Corrente I, de  
Vergílio Ferreira". In: REMÉDIOS, M. L. (Org.). Literatura  
Confessional: autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre:  
Mercado Aberto, 1997, p. 124-141.